

# PEGAGOGIA AFROCENTRADA EM PRÁTICAS EDUCATIVAS DE PROFESSORAS AFRODESCENDENTES UNIVERSITÁRIAS

## AFROCENTRATED PEGAGOGY IN UNIVERSITY EDUCATIONAL TEACHERS EDUCATIONAL PRACTICES

### PEGAGOGÍA AFROCENTRADA EN PRÁCTICAS EDUCATIVAS DE PROFESORAS AFRODESCENDIENTES UNIVERSITARIAS

\*Glaucia Santana Silva Padilha

\*\*Raimunda Nonata da Silva Machado

**Resumo:** O estudo sobre Práticas educativas de professoras afrodescendentes no magistério superior da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) tem o propósito de averiguar se as práticas educativas das professoras afrodescendentes, da UFMA, estão, de alguma forma, permeadas por princípios da afrocentricidade, que concebem as/os africanas/os e as/os afrodescendentes, nas diásporas, como agentes de sua própria cultura e história, conforme seus interesses. Sustenta-se nas perspectivas teórico-metodológicas da História Nova e da decolonialidade, por valorizar o ponto de vista de grupos historicamente subalternizados. Procede a uma revisão de literatura sobre princípios afrocêntricos, ao mesmo tempo em que faz uso da análise documental e entrevistas semiestruturadas, visando a elaboração de narrativas, a partir dos relatos das professoras partícipes da pesquisa. Destaca como principais resultados os desafios de produzir narrativas que revelem princípios da proposta epistemológica da afrocentricidade nas práticas educativas das professoras afrodescendentes universitárias, concluindo que, estas, são docentes afrocentristas, tendo em vista suas atitudes epistêmicas endereçadas à desconstrução de linguagens estereotipadas, dos racismos e, sobretudo, ao conhecimento do mundo africano, tentando elaborar novas narrativas de valorização e reconhecimento de sua cultura e história. Com isso, realizam um movimento dentro do território epistêmico afrocentrado, mediante sua posição em lugares sociais que não lhes foram destinados, segundo a lógica ocidental. Esta presença subversiva na universidade as torna protagonistas da construção de novas pedagogias, uma Pedagogia Afrocentrada.

**Palavras-chave:** Professoras Afrodescendentes. Práticas Educativas. Afrocentricidade.

## 1. INTRODUÇÃO

Investigar práticas educativas de professoras afrodescendentes no magistério superior é reconhecer sua posição de intelectual em um espaço privilegiado de produção do conhecimento. É, sem dúvida, percorrer os pensamentos de fronteira, para usar um termo de Glória Anzaldúa (2005), no processo de resistir ao discurso hegemônico.

O pensamento de fronteira, para a autora, é um espaço onde as professoras estão inseridas em uma constante batalha contra os limites rígidos do pensamento moderno colonial, precisando mover-se, constantemente, “para fora das formações cristalizadas” (ANZALDÚA, 2005, p. 706) de pensar. Por exemplo, quando dizemos que o cuidar e o amamentar estão associados à docilidade e à fragilidade da mulher, e que isso as coloca em lugar inferior ao

---

\* Mestranda em Educação (UFMA/MA). Licenciada em Pedagogia (UFMA/MA). E-mail: glauciasilvapadilha@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9799-2063

\*\* Doutorado em Educação (UFPI/PI). Docente do Departamento de Educação II e do Programa de Pós-graduação em Educação (UFMA/MA). E-mail: rainsmachado@gmail.com. ORCID: 0000-0001-7754-8128

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.188-.203, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6733

homem lhes restando a vida privada, nos aproximamos dessas formações cristalizadas da concepção de mulher moderna. Ademais, para as mulheres afrodescendentes, essas relações eram diferentes. Não havia o cuidado com a fragilidade, tampouco mantinham relações desiguais com os homens, sobretudo, no trabalho escravizado.

Sobre isso, Davis (2016, p. 35) nos diz que “As mulheres negras eram iguais a seus companheiros na opressão que sofriam; eram socialmente iguais a eles no interior da comunidade escrava; e resistiam à escravidão com o mesmo ardor que eles”. Além disso, o cuidar e o amamentar também significavam, para as mulheres negras, extrapolar a relação umbilical e biológica, pois ainda tinham que se dedicar aos cuidados das crianças e famílias que não eram as suas.

Dessa forma, a presença das professoras afrodescendentes na universidade e, em outros espaços de prestígio social, subverte essa lógica de docilidade servil e doméstica endereçada às mulheres. Constitui-se, pois, um movimento de subversão com a concepção de mulher do pensamento moderno colonial, já que este pensamento tem princípio homogeneizador e interpreta a mulher afrodescendente, a partir de sua própria concepção de mulher dócil, frágil, cuidadora e sensível.

Esse discurso imperialista não representa a totalidade das mulheres e tem sido uma forma cristalizada do modo ocidental de pensar o feminino, já que, mulheres negras possuem experiências distintas de mulheres brancas (RIBEIRO, 2017).

Dispor do padrão do colonizador como ponto de partida para pensar os povos colonizados, define um dos domínios de sujeição de um sobre o outro, justificando a enorme crueldade a que homens e mulheres, negros e indígenas, foram submetidos. Além disso, o processo colonial subalternizou os sujeitos africanos dentro e fora da África. A mulher afrodescendente, empreendeu uma luta constante contra a opressão racial e de gênero, construindo “um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui ao invés de excluir” (ANZALDÚA, 2005, p. 706).

Essa compreensão só foi possível a partir do contato com estudos desenvolvidos sobre educação, mulheres e relações raciais, que nos instigaram a problematizar a diferenciação existente nos papéis sociais vividos por homens e mulheres, possibilitando a apropriação de ferramentas teóricas que nos fizeram refletir acerca das formas rígidas e cristalizadas do pensamento moderno.

O diálogo com as perspectivas teóricas da Nova História e da Decolonialidade foi realizado, mediante a análise das trajetórias de professoras afrodescendentes da Universidade

Federal do Maranhão (UFMA), de diferentes departamentos acadêmicos, cujos sujeitos são as coparticipantes desta pesquisa.

Nesse sentido, as professoras foram definidas a partir da disponibilidade em colaborar com a pesquisa, bem como o seu autoreconhecimento como afrodescendente ou negra, não exigindo, necessariamente, um atributo fenotípico, considerando que utilizamos o termo afrodescendência por

[...] sua força como conceito relevante porque nasce de um pensamento que reconhece a humanidade de todos, acredita na origem africana de todos os seres humanos e confia na sua vocação ontológica; o que vale a pena construir e manter saudável são todos os elementos e fenômenos que engrandecem todos os seres humanos de todas as partes do universo. (BOAKARI, 2015, p. 22)

As aspirações deste estudo pretenderam averiguar processos de desenvolvimento de pedagogias interétnicas ou pedagogias afrocentradas em projetos pedagógicos e científicos de professoras afrodescendentes universitárias, a partir de memórias individuais e coletivas. Analisar este tipo de formação pedagógica nos ajudou a compreender a destruição epistemológica, que atravessa as experiências de sujeitos subalternizados, quando privilegiamos a lógica da ciência moderna (MACHADO, 2015).

Por isso, entendemos que, ao refletirmos sobre suas práticas educativas, foi possível contribuir com o processo de resistência ao discurso hegemônico através do reconhecimento social e científico de suas pedagogias insurgentes, que subvertem espaços de poder e cooperam na construção de uma sociedade mais justa e igualitária na ótica cognitiva e epistêmica.

Esse tipo de resistência ou desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) ao discurso hegemônico, aproxima-se de outras epistemologias mais afrocêntricas, que colocam os sujeitos, marginalizados e subalternizados, como agentes de sua própria história. Esse pressuposto instigou-nos a investigar: se as práticas educativas das professoras afrodescendentes, da UFMA, estão permeadas, de alguma forma, por princípios da afrocentricidade, cujo “[...] pensamento, prática e perspectiva percebe os africanos e afrodescendentes como sujeitos e agentes que atuam sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASANTE, 2009, p.93).

Com esta inquietação, sistematizamos este estudo da seguinte forma: no primeiro momento, que constitui esta parte introdutória, justificamos nossa intencionalidade teórico-metodológica da pesquisa, partindo da Nova História e reconhecendo outras possibilidades de aproximação com a lógica decolonial, considerando que tais perspectivas teóricas privilegiam a história vista na ótica de sujeitos subalternizados. A primeira elabora suas críticas, a partir da ótica eurocentrada e, a segunda, lança críticas ao eurocentrismo a partir da visão de sujeitos

colonizados. O objetivo principal foi averiguar processos de desenvolvimento de pedagogias afrocentradas nas práticas educativas (projetos educativos e científicos) de professoras afrodescendentes da UFMA.

O segundo momento, “*Uma trilha no rastro de pedagogias afrocentradas*”, aborda o percurso metodológico, evidenciando as principais categorias teóricas que, sustentaram esta pesquisa e fundamentam as regiões de análise identificadas nas narrativas produzidas, a partir das memórias das professoras.

Nos resultados destacamos as contribuições deste estudo, na formação acadêmica, além de ressaltar as principais questões evidenciadas nas narrativas das docentes entrevistadas. Por fim, concluímos as análises apresentando uma síntese sobre a pesquisa e revendo suas principais contribuições.

Este estudo é um convite a reflexão crítica acerca do reconhecimento social das professoras afrodescendentes dentro de um espaço intelectual cheio de embates e de conflitos, além de propor que a própria presença das professoras afrodescendentes na universidade é um movimento de subversão com a lógica epistêmica dominante que favorece o uso de outras epistemologias mais afrocêntricas, colocando os sujeitos, marginalizados e subalternizados, como agentes de sua própria história.

## **2. UMA TRILHA NO RASTRO DE PEDAGOGIAS AFROCENTRADAS**

Considerando que este estudo consistiu em averiguar princípios de afrocentricidade em práticas educativas de professoras afrodescendentes no magistério superior da UFMA, partimos da abordagem teórica da Nova História, que abre espaço para análises da vida cotidiana de sujeitos excluídos. Para Burke (2011, p.11), esta perspectiva “começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana”, valorizando experiências desperdiçadas e negligenciadas da historiografia tradicional. Nessa direção, Fustel (1862, p. 245 *apud* LE GOFF, 1990, p. 107) acrescenta:

[...] a história deve prescrutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação, todas essas velhas falsidades sob as quais ela deve descobrir alguma coisa de muito real, as crenças humanas. Onde o homem passou e deixou alguma marca da sua vida e inteligência, aí está a história.

Na lógica da historiografia tradicional, durante muito tempo os historiadores pensaram que a verdadeira história era apenas a que esclarecia o relato dos grandes homens e que esse é o discurso digno de ser conservado, transmitido e estudado. Entretanto, a Nova História elabora críticas profundas sobre esta história das grandes personalidades, trazendo para dentro dessa

discussão o cotidiano dos diferentes sujeitos; uma nova reflexão e revolução impulsionada de dentro do próprio discurso hegemônico eurocentrado.

Ademais, essa abordagem nos possibilitou problematizar os acontecimentos a partir da inclusão de novas temáticas, novas fontes, novos sujeitos, novas visões de mundo, de modo que pudemos trazer, para este diálogo teórico, a perspectiva decolonial (COSTA e GROSGOUEL, 2016), tendo em vista a sua potência em enfatizar o socialmente invisível e, acima de tudo, priorizar o sujeito como produtor de história, dando sentido às suas experiências de vida e de mundo, privilegiando conceitos não-europeus.

Enquanto a Nova História se traduz como uma crítica eurocêntrica sobre o ocultamento dos sujeitos vencidos, a reflexão que a teoria da decolonialidade, parte da própria periferia, da ótica dos sujeitos que foram silenciados e apagados do discurso hegemônico que compõe a historiografia moderna e eurocentrada.

Nesse sentido, tornou-se possível o diálogo da Nova História e a Decolonialidade, considerando a História Vista de Baixo como uma abordagem que possibilita “[...] explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história” (SHARPE, 2011, p.41).

De todo modo, tanto a Nova História quanto a Decolonialidade discutem o sujeito vencido. Esse movimento que considera a fala do sujeito, que o situa no seu lugar de fala, vai além de apenas emitir palavras. Assim, “pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p.36).

Essa reflexão sobre a forma de produzir história para além da narrativa imperial, possibilita alargar o horizonte epistemológico trazendo novas discussões e novas reflexões sobre o espaço social, abrindo caminhos para outras formas de conhecer, sobretudo, quando buscamos destacar, nas narrativas das professoras afrodescendentes, se suas práticas educativas estão atravessadas por princípios da afrocentricidade.

Assim sendo, o levantamento bibliográfico priorizou estudos que valorizaram os sujeitos vencidos e em situação de opressão, visando – à luz da Nova História e da Decolonialidade – a compreensão de como essas abordagens ajudam na produção e análise das narrativas acerca da prática educativa das professoras afrodescendentes. Afinal, “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um

tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS 2007, p. 185).

Um levantamento bibliográfico oferece uma multiplicidade de dados a que podemos recorrer para darmos sustentação ao tema de estudo, uma vez que é imprescindível na formulação de novos pensamentos e na construção de um referencial teórico, que alarga nossas possibilidades de pensar sobre um tema ou problema de pesquisa.

Desse modo, analisamos o estudo desenvolvido sobre prática educativa de Machado (2016) que discute, em *Rede conceitual sobre prática educativa*, a construção do conceito de prática educativa como uma possibilidade de ampliação de conhecimentos e de atitudes epistemológicas sobre a realidade educacional, para além das influências de experiências educacionais do Ocidente.

Precisávamos, também, compreender a narrativa como categoria e a forma como poderia ser coletada ou produzida na pesquisa, já que, a intenção era refletir sobre a participação das professoras afrodescendentes da UFMA, mediante produção de narrativas, averiguando se suas práticas educativas estão atravessadas por princípios da afrocentricidade. Com isso, vimos que nossos dados de pesquisa não estavam prontos nos esperando para serem coletados e analisados. Aprendemos que deveríamos produzir os dados, ou seja, as narrativas. Como?

Dialogamos com Benjamin (1985) que, em *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, sugere que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação possibilitando ao narrador dar conselhos, que sejam práticos e úteis, bem como provocar questionamentos e ensinamentos para os seus ouvintes.

Mas, como coletar/produzir narrativas? Foi necessário proceder, inicialmente ao levantamento documental e a entrevista, para em seguida, começarmos o trabalho de produção das narrativas.

O levantamento documental possibilitou analisarmos documentos como, por exemplo, o currículo lattes das professoras, permitindo, assim, alcançar novas informações acerca da trajetória das docentes e ampliar os dados da pesquisa, antes de realizar as entrevistas. Afinal, “uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um corpus satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (CELLARD, 2008, p. 298).

Sendo assim, iniciamos a análise da prática educativa das professoras afrodescendentes com base nas informações sobre suas experiências educacionais, também, disponíveis no

Currículo Lattes e no SIGAA<sup>1</sup>, observando o Curso/Departamento, as Atividades Acadêmicas (disciplinas ministradas, projetos de pesquisa e extensão, produções científicas), dentre outras informações relevantes.

Por conseguinte, fizemos uso da **entrevista**, priorizando a visão das professoras participantes, sobre um determinado assunto, à medida que a conversa se desenhava entre pesquisador e sujeito participante da pesquisa. Para tanto, não utilizamos a entrevista do tipo padronizada e sim a semiestruturada, tendo como base o currículo lattes e o SIGAA das docentes, conforme mencionamos anteriormente.

Nesse processo de interrogar os sujeitos da pesquisa, através de entrevistas, refletimos sobre: quem está autorizado a falar; quais relações de poder estão presentes nesse discurso; como as coisas funcionam e acontecem; como dar visibilidade e, sobretudo, quais agenciamentos podem ser operados (MEYER; PARAÍSO, 2014).

Dessa forma, tivemos a oportunidade de registrar seus depoimentos e suas reações sobre os aspectos vivenciados na academia, que foram determinantes pela discriminação racial e de sexo e interferiram em suas aprendizagens e em seus ensinamentos.

Os sujeitos da pesquisa foram quatro professoras afrodescendentes da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus São Luís que aceitaram colaborar com a pesquisa<sup>2</sup>. Como critérios de inclusão e exclusão para estruturação do *corpus* da pesquisa, utilizamos o Método de Identificação Racial (MACHADO, 2019), considerando o sistema classificatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): a **Auto-atribuição**, onde a própria pessoa da classificação escolhe seu grupo; e a **Hetero-atribuição** onde outro sujeito (as pesquisadoras) atribui a classificação negra ou afrodescendente ou define o grupo de pertencimento dos sujeitos da pesquisa. Vejamos o quadro:

---

<sup>1</sup> A Plataforma *Lattes* é uma plataforma virtual criada e mantida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e integra as bases de dados de currículos, grupos de pesquisa e instituições, em um único sistema de informações. O Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas da UFMA (SIGAA), é um sistema acadêmico onde temos acesso às páginas públicas dos docentes da universidade, através do link: <https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/centro/lista.jsf?aba=p-academico>.

<sup>2</sup> Este estudo tem cadastro na Plataforma Brasil e aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Maranhão, com adesão das participantes, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), preferindo-se, manter o anonimato das professoras e, ao mesmo tempo, destacar figuras femininas importantes e marcadas por lutas e conquistas em prol das causas africanas.

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.188-.203, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6733

**Quadro 1** – Identificação racial de Professoras Afrodescendentes na UFMA

<b>HETEROATRIBUIÇÃO</b>	
<b>Professoras</b>	<b>Titulação</b>
Kuki Gallmann	Doutoranda em Educação em Ciências e Matemática, Mestra em Educação e Licenciada em Pedagogia
Elizabeth Of Toro	Mestranda em Ciências da Educação, Licenciada em Educação Física
<b>AUTOATRIBUIÇÃO</b>	
<b>Professoras</b>	<b>Titulação</b>
Joan Root	Doutora em Educação, Mestra em Educação e Licenciada em Pedagogia
Daphne Sheldrick	Doutora em Educação Escolar, Mestra em Educação, Licenciada em Biblioteconomia

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2019.

Nesse sentido, a marcação da cor da pele não foi usada como um atributo exclusivo, conforme explicamos anteriormente, possibilitando a participação de mulheres que não possuam essa característica fenotípica, mas que se reconheciam afrodescendentes, tendo em vista a sua ancestralidade com vivências socioculturais, linguísticas e étnicas.

Nesse trabalho metodológico de coletar e produzir narrativas, encontramos inclinações pedagógicas sobre questões étnico-raciais, com primazia nas reflexões das contribuições africanas na construção da sociedade brasileira, tal como determina a Lei 10.639/2003, em seu artigo 26-A, parágrafo 1º

§ 1º - O Conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003).

Assim, foram importantes as contribuições dos estudos de Asante (2009) sobre *Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar*, já que nos ajudou a compreender que o sujeito africano ou afrodescendente se torna um agente social quando ele é valorizado “como ator ou protagonista em seu próprio mundo” (Ibidem, p. 95). Enquanto, nas experiências educacionais de base eurocêntrica, os sujeitos afrodescendentes são deixados à margem da história, a abordagem afrocêntrica privilegia a posição de agente desse sujeito, como uma forma de escapar da anomia da exclusão.

O principal aspecto, dessa abordagem, propõe um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os sujeitos africanos e afrodescendentes no movimento diaspórico, como agentes que atuam sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009). A afrocentricidade é uma possibilidade epistemológica



de evidenciar os povos africanos e afrodescendentes e seu papel protagonista, sobretudo pelas possibilidades de valorização de referências culturais e, também científicas, desses sujeitos.

Para Asante (2016), a reflexão sobre conceitos que subjagam o mundo africano ao paradigma hegemônico do colonizador, é uma das características inerentes a este projeto científico e epistemológico. Embora não seja muito explorada nas pesquisas educacionais do ocidente, como Machado (2016) sugere, essa proposta intelectual não é recente. “A palavra ‘Afro-cêntrico’ já havia sido utilizada por Kwame Nkrumah, líder de Gana, em 1961 em um discurso na Universidade de Gana, em Legon” (MACHADO, 2016, p. 12).

Além disso, Machado (2019, p. 28) nos lembra que:

O principal expoente da afrocentricidade é o cientista e intelectual senegalês Cheikh Anta Diop (1923-1986). Embora este pesquisador não tenha usado explicitamente os termos: afrocentrado ou afrocentricidade, os seus estudos – no campo da egiptologia – modificaram a ideia de que o Egito não pertencia à África, apesar de situado neste continente. Diop foi quem enfrentou acadêmicos contrários às suas teses e recolocou o Egito no contexto da história cultural africana [...]

Essa crítica à cultura hegemônica europeia, propõe como principal interesse epistemológico a desmistificação da ideologia de inferioridade que foi amplamente difundida durante a diáspora pela historiografia tradicional, logo, problematizar as questões raciais nas práticas educativas é um caminho na construção de uma “Pedagogia Afrocentrada” (MACHADO; ALVES; BOAKARI, 2018).

Foram estas as reflexões que a pesquisa de campo oportunizou. A coleta e a produção de dados, com as narrativas, nos colocaram no rastro de práticas afrocentradas, investigando práticas educativas das professoras afrodescendentes universitárias.

As narrativas, enquanto produto das entrevistas, nos possibilitaram destacar as posições ocupadas, por essas professoras no campo acadêmico de produção do conhecimento, observar suas experiências educacionais que as tornam um grupo de intelectuais – agente protagonista – de seus próprios interesses, que são também de sujeitos diaspóricos, é capaz de transformar a realidade, ao mesmo tempo em que vai sendo, também, transformada.

Localizar possibilidades de mobilidade social, com este estudo, nos faz pensar sobre a força que tem as narrativas de retratarem o socialmente invisível e priorizarem o agente como produtor de história, dando sentido às suas experiências de vida e de mundo.

Portanto, com esses procedimentos teórico-metodológicos, construímos uma base de dados identificando quem são as quatro professoras afrodescendentes da UFMA, coparticipantes, desta pesquisa, nos permitindo conhecer, por meio das narrativas produzidas, algumas formações afrocêntricas que têm atravessado suas práticas educativas.

### 3. VESTÍGIOS AFROCÊNTRICOS EM PRÁTICAS EDUCATIVAS

A reflexão acerca de práticas educativas de professoras afrodescendentes no magistério superior, permeadas por princípios de afrocentricidade é, também, a análise da construção de possibilidades de subverter a histórica produção colonial do conhecimento. Tem sustentação em estudos, que discutem o conceito de prática educativa, em uma perspectiva teórica pós-crítica (MACHADO, 2016), tentando compreender como podem ser usados na análise das narrativas que visibilizam as experiências educacionais de professoras afrodescendentes.

Em Machado (2016) encontramos uma análise do conceito de prática educativa em diferentes perspectivas teóricas: não-crítica, crítico-reprodutivista, pragmática, crítica e pós-crítica. Os principais conceitos, que foram sintetizados dentro da perspectiva pós-crítica, tem base plural e compreende a prática educativa como produção de significados e como processo de produção de significados, mediante análise das obras: O cotidiano escolar como comunidade de afetos de Janete Magalhães Carvalho; Linguagem e educação depois de babel de Jorge Larrosa e História da infância sem fim de Sandra Mara Corazza. Vejamos:

**Quadro 2** – Conceito de prática educativa na perspectiva teórica pós-crítica

<b>PRÁTICA EDUCATIVA NA PERSPECTIVA TEÓRICA PÓS-CRÍTICA</b>	
<b>Produção de significados</b>	<b>Processo de produção de significados</b>
É a produção de significados socioculturais que visam à desconstrução das relações de poder na luta por justiça social.	É um processo de produção de significados socioculturais de sentido plural ou babélico com ações complexas na construção do campo dos “possíveis”.
É a produção de significados socioculturais que visam à desconstrução das relações de poder e a reconstrução de outros significados de prática social na luta por justiça social	É um processo de produção de significados socioculturais que visam à desconstrução das relações de poder e a reconstrução de outros significados de prática social na luta por justiça social.
É a produção de significados socioculturais de sentido plural ou babélico com ações complexas na construção do campo dos “possíveis”.	É um processo de produção de significados contra-hegemônicos que visam à transformação social.
É a produção de subjetividades que visam à transformação social ou justiça social em sentido plural.	É um processo de construção de significados socioculturais que visam à desconstrução das relações de poder e a reconstrução de outros significados de prática social na luta por justiça social.

**Fonte:** Quadro produzido pelas autoras com base em Machado (2016).

Este estudo nos ajudou a “[...] evitar a construção de práticas educativas endereçadas a equalização ou homogeneização social, baseadas em princípios universalistas que, mais reforçam desigualdades sociais” (MACHADO, 2016, p. 276) e concluir que, prática educativa, conceituada na perspectiva pós-crítica, se aproxima das reflexões propostas pela afrocentricidade, já que é uma possibilidade de ampliação do conhecimento e de produção de riqueza de vida como “compromisso com o refinamento léxico”, produzindo novos significados, “novas narrativas da história da África” e de seus descendentes (ASANTE 2009,

p. 96), mantendo compromisso com a produção de significados contra-hegemônicos e de justiça social, com atenção ao tipo de linguagem empregada no cotidiano.

Com essa compreensão, as narrativas, elaboradas a partir das entrevistas, visibilizaram o conhecimento e a produção das atividades acadêmicas das professoras. No quadro 3, destacamos fragmentos dessas narrativas para evidenciar algumas formações afrocêntricas presentes nas práticas educativas das professoras coparticipantes da pesquisa, conforme apontamos no quadro a seguir:

**Quadro 3 – Formações afrocêntricas nas práticas educativas das professoras afrodescendentes**

<b>Professora Joan Root</b>
Sua atuação dentro da universidade passa pela desconstrução de estereótipos racistas a partir de práticas que discute a educação para as relações raciais, oportunizando aos alunos leituras específicas da área, por meio de Kabenguele Munanga, Nilma lino Gomes, dentre outras/os que discutem a temática. Faz discussões nas disciplinas que ministra, fazendo o seu aluno refletir sobre as situações que acontecem no interior da escola.
<b>Professora Daphne Sheldrick</b>
É coordenadora de uma revista produzida, pelos alunos, a partir de vivência com a disciplina política editorial. Com a revista, é possível incentivar publicações que discutem a temática, a exemplo a publicação de 2017.2 que trouxe a discussão gênero e diversidade. A professora estimula todas as temáticas para publicação, destacando a importância das publicações sobre gênero e raça, para a formação dos alunos. A revista que coordena, trabalha com informação e divulgação científica, sendo utilizada como canal de reflexões acerca da temática mulher.
<b>Professora Kuki Gallmann</b>
Sua pesquisa, contribui com o debate epistemológico de produção de novos conhecimentos relacionados as categorias de gênero e raça. Dar visibilidade às mulheres catadoras de materiais recicláveis, que estão nessa condição, por força das circunstâncias estruturais do capitalismo e que, cujo trabalho, encontra-se a presença de mulheres que foram professoras e enfermeiras. Além disso, a professora promove debates a partir de outra temática de pesquisa, também vinculada às questões raciais e que está sendo abordada no doutorado. Trata-se do estudo sobre as mulheres negras professoras de matemática, que foram deixadas fora da escrita historiográfica pelos homens brancos, machistas, sexistas e urbanos que a escreveu.
<b>Professora Elizabeth Of Toro</b>
A professora destaca que no novo currículo do curso, houve a inclusão da disciplina Cultura Corporal e Diversidade Étnica Racial. No entanto, em suas aulas, já vinha trabalhando com a cultura africana, articulando-se a outras entidades que trabalham a temática, como, por exemplo, o Centro de Cultura Negra – CCN. Cria uma entidade, visando oferecer outros espaços de discussão da cultura africana, onde seus alunos participam integrando universidade e comunidade, incluindo essa experiência como parte de suas avaliações sobre a prática pedagógica acadêmica. O intuito é, também, promover a conscientização da existência do racismo, ainda como uma prática institucionalizada presente nas instituições de ensino.

**Fonte:** Elaborado pelas autoras, 2019.

Sistematizando, neste quadro, dos dados produzidos (as narrativas), observamos que as intervenções pedagógicas e científicas das professoras destacam como é possível que os princípios de afrocentricidade possam ganhar visibilidade nas práticas educativas do magistério superior e elaborar projetos afrocêntricos, que são para Asante (2009, p. 96) o desejo de manter:

- 1) o interesse pela localização psicológica, ou seja, a forma como a pessoa se posiciona em relação ao mundo africano;
- 2) o compromisso com o posicionamento do sujeito afrodescendente, especialmente, o que ele pensa, diz e faz;
- 3) a defesa dos elementos culturais africanos – sobretudo a ciência;
- 4) o compromisso com o refinamento léxico, desvelando a confusão de significados produzidos pela história ocidental sobre os africanos e afrodescendentes e, por fim;

5) o compromisso com uma nova narrativa, visando promover tentativas de valorização e agenciamento de toda produção de africanos e afrodescendentes.

Quando as professoras utilizam os espaços pedagógicos, que ocupam para discutirem sobre: a) desconstrução de estereótipos racistas; b) organização de publicações endereçadas a temática: mulheres, gênero e raça com os discentes; c) experiências de mulheres afrodescendentes catadoras; e, d) cultura africana e racismos institucionalizados, elas fazem o movimento de realocação do sujeito marginalizado, de modo que reorientam os fatos que têm sido sustentados pelo pensamento moderno e colocam em agência esse sujeito subalterno via compromisso com a sua localização em relação com o mundo africano e diaspórico.

Asante (2009, p. 102) argumenta que essas pessoas são afrocentristas, cuja atitude epistêmica – de reposicionamento do lugar – nada mais é, do que “reivindicar o parentesco com a luta e perseguir a ética da justiça contra todas as formas de opressão humana”. Dessa forma, podemos dizer que as professoras Joan, Daphne, Kuki e Elizabeth, com suas práticas educativas, caminham em direção ao conhecimento do mundo africano, em uma conexão externa, como diz Asante (2009), porque vivem fora dele, tentando elaborar novas narrativas de valorização e reconhecimento de sua cultura e história.

Embora, o espaço deste texto, só permita apresentar fragmentos das narrativas produzidas, vale ressaltar que, são textos reveladores, também, de um movimento que caminha dentro do território epistêmico afrocentrado porque, como diz Machado (2019), as professoras afrodescendentes ocupam lugares sociais que não lhes foram destinados, segundo a lógica ocidental. Esta presença subversiva na universidade as tornam protagonistas da construção de novas pedagogias, uma Pedagogia Afrocentrada (MACHADO; ALVES; BOAKARI, 2018). A construção deste território pedagógico afrocêntrico é possível porque, conforme Asante (2016, p. 11), existe:

[...] uma ética assertiva entre os afrocentristas para deslocar o discurso em direção a uma abordagem mais orientada para a agência, para a análise, exames, investigações e fenômenos. Portanto, para demonstrar a ideia de culturas ao lado umas das outras, ao invés da ideia de culturas sendo adotadas por uma ideia particular abrangente.

Não é uma pedagogia sem conflitos, as professoras afrodescendentes elaboram um saber-fazer constantemente tensionado, por uma estrutura de pensamento cristalizado na ótica eurocêntrica, logo, o trabalho das afrocentristas é desafiador! Estudos, como os de Boakari (2015), por exemplo, mostram que: sua permanência, como docente universitária e pesquisadora com obtenção de título *strictu sensu*, não anula o fato de as professoras

afrodescendentes serem alvo de preconceitos e tratamentos discriminatórios em espaços de prestígio social como as universidades.

De todo modo, as formações afrocêntricas, que estão presentes em suas práticas educativas, colaboram para a realocação dos sujeitos subalternizados pelo conhecimento moderno, conquistando uma posição central. Sobretudo, efetivam espaços de fala, especialmente para a mulher afrodescendente, que tem seu discurso obliterado na historiografia hegemônica.

Portanto, a construção de “uma poderosa visão contra-hegemônica que questiona ideias epistemológicas que estão simplesmente enraizadas nas experiências culturais de uma Europa particularista e patriarcal” (ASANTE, 2016, p. 11), além de ser uma possibilidade de subversão com a produção colonial do conhecimento, constitui-se como possibilidade geradora de outras pedagogias – a Pedagogia Afrocêntrica.

#### **4. CONCLUSÃO**

Esses estudos possibilitaram a compreensão de que a presença das professoras afrodescendentes no magistério superior promove um movimento de subversão da *epistème* dominante. Mostram suas incompletudes e ampliam conhecimentos e saberes, dando visibilidade as professoras afrodescendentes como grupo de afrocentrista (ASANTE, 2016).

O discurso do colonizador impôs ao sujeito subalterno, sobretudo à mulher afrodescendente, realizar o movimento constante de resistência aos padrões imperiais que excluem, em vez de incluir. Isto desafiou-nos analisar as práticas educativas das professoras afrodescendentes da UFMA, com base em princípios da afrocentricidade, dialogando com perspectivas de base eurocentrada e de decolonialidade para refletir sobre a vida acadêmica de sujeitos excluídos.

Com esse diálogo foi possível averiguar o uso de princípios da afrocentricidade nas suas práticas educativas reveladoras de desobediências epistêmicas (MIGNOLO, 2008) à historiografia tradicional, que marginaliza as experiências africanas e afrodescendentes, especialmente, os de origem sulsaariano.

Essas reflexões contribuíram na produção de narrativas que priorizam mulheres afrodescendentes como agentes: na história, nas suas experiências de vida e de mundo e na produção de espaços de fala como dimensões utilitárias (BENJAMIN, 1985), que potencializam modos de superação de muitos estigmas opressores.

Essa dimensão utilitária está associada a importância que as narrativas têm, em conservar as histórias, pois quanto menos são contadas, mais rápidas são perdidas. Assim, é relevante, como sugere Benjamin (1985), aproveitar-se, inclusive, dos ensinamentos morais, invocação de sugestões e provérbios como utilidades das narrativas. Estes são outros desdobramentos para mais estudos afrocêntricos que possam enriquecer pedagogias interétnicas ou afrocentradas com uso dos provérbios e literaturas africanas.

Logo, evidenciar a prática educativa, das professoras afrodescendentes, através de narrativas foi um modo de reconhecimento social e científico de suas atividades acadêmicas, de sua posição como agente afrocentrista na universidade, colaborando na produção de uma sociedade mais justa e igualitária que valoriza diferentes dimensões cognitivas e epistêmicas.

### **AFROCENTRATED PEGAGOGY IN UNIVERSITY EDUCATIONAL TEACHERS EDUCATIONAL PRACTICES**

**Abstract:** The study about Afro-descendant teachers' educational practices in the higher teaching of the Federal University of Maranhão (UFMA) aims to investigate whether the Afro-descendant teachers' educational practices are, in any way, permeated by the principles of afrocentricity, which conceive the African people and African descendants in diasporas as agents of their own culture and history according to their interests. It is based on the theoretical and methodological perspectives of New History and decoloniality, as it values the standpoint of historically subordinated groups. It reviews literature on Afrocentric principles, while making use of documentary analysis and semi-structured interviews, aiming at the elaboration of narratives, based on the reports of the teachers participating in the research. It highlights as main results the challenges of producing narratives that reveal principles of the epistemological proposal of afrocentricity in the educational practices of afro-descendant university teachers, concluding that they are Afro-descendent teachers, considering their epistemic attitudes intended to the deconstruction of stereotyped languages, racism and above all, to the knowledge of the African world, trying to elaborate new narratives of appreciation and recognition of its culture and history. With this, they make a movement in the epistemic territory of the center, through their position in social places that were not intended for them, according to Western logic. This subversive presence at the university makes them protagonists of the construction of new pedagogies, an Afrocentrated Pedagogy.

**Keywords:** Afrodescendant Teachers. Educational practices. Afrocentricity.

### **PEGAGOGÍA AFROCENTRADA EN PRÁCTICAS EDUCATIVAS DE PROFESORAS AFRODESCENDIENTES UNIVERSITARIAS**

**Resumen:** El estudio sobre las prácticas educativas de las profesoras afrodescendientes en la enseñanza superior de la Universidad Federal de Maranhão (UFMA) tiene como objetivo investigar si las prácticas educativas de las profesoras afrodescendientes están, de alguna manera, impregnadas por los principios de la afrocentricidad, que conciben los pueblos africanos y sus descendientes en las diásporas como agentes de su propia cultura e historia de acuerdo con sus intereses. Se basa en las perspectivas teóricas y metodológicas de la Nueva Historia y la descolonialidad, ya que valora el punto de vista de los grupos históricamente subordinados. Revisa la literatura sobre principios afrocéntricos, mientras hace uso de análisis documentales y entrevistas semiestructuradas, con el objetivo de elaborar narrativas, basadas en los informes de los maestros que participan en la investigación. Destaca como resultados principales los desafíos de producir narrativas que revelen los principios de la propuesta epistemológica de

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.188-.203, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6733

afrocentricidade em las prácticas educativas de las profesoras universitarias afrodescendientes, concluyendo que son maestros afrodescendientes, considerando sus actitudes epistémicas dirigidas a la deconstrucción de lenguajes estereotipados, racismo y sobre todo, al conocimiento del mundo africano, tratando de elaborar nuevas narrativas de apreciación y reconocimiento de su cultura e historia. Con esto, hacen un movimiento dentro del territorio epistémico del centro, a través de su posición en lugares sociales que no estaban destinados a ellos, según la lógica occidental. Esta presencia subversiva en la universidad los convierte en protagonistas de la construcción de nuevas pedagogías, una pedagogía afrocentrada.

**Palabras clave:** Profesoras afrodescendientes. Prácticas educativas. Afrocentricidad.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. **La consciência de la mestiza/Rumo a uma nova consciência**. Estudos feministas, Florianópolis, 13(3):320, setembro-dezembro/2005.

ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

\_\_\_\_\_. **Afrocentricidade como crítica ao paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia**. Ensaio Filosóficos, volume XIV, dezembro, 2016.

BENJAMIN, W. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOAKARI, F. M [et al]. **Educação, gênero e afrodescendência: a dinâmica das lutas de mulheres na transformação social**. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

BURKE, P. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, J. B. GROSFOGUEL, R. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Sociedade e Estado. Vol. 31. N. 1. Brasília. Jan./Abr. 2016.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo. Editora Boitempo. 2016.

LE GOFF, J. **História e memória**; tradução Bernardo Leitão [et al]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MACHADO, R. N. S. **Gênero e raça na educação a distância: há outras epistemologias na prática educativa de formação docente?** 2015. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2015.

\_\_\_\_. R. N. S. Rede conceitual sobre prática educativa. In: **Linguagens, Educação e Sociedade**. Teresina, ano 21, n. 35, jul./dez. 2016.

\_\_\_\_. R. N. S. ALVES, A. R. S. A. BOAKARI, F. M. Por uma pedagogia afrocentrada na escolarização de crianças brasileiras afrodescendentes. In: BARROS, A. E. A. [et al]. **Nas fronteiras do saber: estudos interdisciplinares a partir do Médio Mearim Maranhense**. São Leopoldo: Oikos, São Luís: EDUFMA, 2018.

\_\_\_\_. R. N. S. **Relatório de Pesquisa Professoras Afrodescendentes no Magistério Superior**: vozes epistêmicas, mimeo: UFMA/PIBIC, 2019.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MEYER, D. E. PARAÍSO, M. A. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, nº 34, p. 287 – 324, 2008.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento - Justificando, 2017.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas**; tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.